Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A COMPREENSÃO DA RELIGIÃO NA TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN E O SEU PAPEL PARA A ANTROPOÉTICA

Sergio Sezino Douets Vasconcelos[1]

Bill Clinton Nunes Silva[2]

Resumo

Esse texto parte da crítica feita por Edgar Morin ao conhecimento estruturado na lógica cartesiana por favorecer um conhecimento disjuntivo e linear. Tem por objetivo refletir, a partir da Teoria da Complexidade, o papel da religião na construção de uma antropoética proposta por Edgar Morin. Uma ética do humano, construída na pluralidade do conhecimento, que busca articular o cuidado do ser humano consigo mesmo, com a sua espécie e com o planeta.

Palavras-chave: Antropoética. Religião e Ética. Religião e Complexidade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir, à luz da Teoria da Complexidade, a contribuição que a Religião tem, como um saber que propõe uma estrutura de sentido, para a construção de uma antropoética.

Para compreendermos o que Morin propõe com o Pensamento Complexo e a sua concepção de religião, como um saber entre outros, é importante compreender e partir da sua crítica, ao que ele chama, de conhecimento disjuntivo.

O trabalho, inicialmente, partirá da análise que Morin faz do conhecimento na contemporaneidade. No segundo momento, partindo da Teoria da Complexidade e dos Sete Saberes para Educação do Futuro, que são propostos por ele, refletirá sobre a religião como um saber legítimo, na

[1] Doutor em Teologia na Westfälische Wilhelms-Universität, em Münster/Alemanha. É professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião (Mestrado e Doutorado) e em Teologia (Mestrado), na Universidade católica de Pernambuco/Brasil. Atualmente é Coordenador do Curso de Teologia, na mesma universidade.

[2] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco e licenciatura em Filosofia, pela mesma universidade.

pluralidade dos saberes. E, no terceiro e último momento, refletirá sobre o papel que a religião pode ter na contribuição da construção coletiva, do que Morin denomina de antropoética.

Morin reconhece que nos últimos séculos adquirimos um amplo conhecimento sobre o mundo físico, biológico, psicológico e sociológico. Porém, segundo ele, na ciência há um predomínio, cada vez maior dos métodos de verificação empírica e lógica que, muitas vezes, geram a fragmentação do conhecimento, provocando serias consequências para o conhecimento humano e para o próprio ser humano. É importante tomarmos consciência dos limites dos paradigmas atuais do conhecimento

Segundo ele, esses erros e perigos, têm em comum um modo excludente de organizar o conhecimento, revelando a sua incapacidade de reconhecer e apreender a complexidade do real (Morin, 2015, p. 10). O conhecimento atual, muitas vezes, revela a patologia do "império dos princípios de disjunção, redução, abstração, cujo conjunto constitui o que chamo 'paradigma de simplificação'" (Morin, 2015 p. 11). Tal patologia, provocou uma disjunção, isolando três campos do conhecimento científico: a física, a biologia e as ciências humanas. Na busca de remediar essa disjunção, criou-se uma outra simplificação: a redução do complexo ao simples (a redução do biológico ao físico, do humano ao biológico), anulando a diversidade ou, ao contrário, justapondo a diversidade sem conceber a unidade. Essa visão mutiladora e multidimensional leva, segundo Morin, a pagar um alto preço em relação aos fenômenos humanos, ou seja, a incapacidade de conceber a compreensão da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduzindo a infinitas tragédias (Morin, 2015, p. 11-13).

As consequências do modelo cartesiano de conhecimento, com a sua ambição de tudo catalogar a partir de categorias claras e distintas, foi se desenvolvendo ao longo dos últimos séculos e teve o seu ápice na primeira metade do século XX, mostrando os seus desdobramentos no nível mais sofisticados no que se começou a achar da "lógica da razão instrumental".

Foi se desenvolvendo um divórcio entre ciência e ética. O conhecimento chegou a níveis cada vez mais sofisticados, porém, não cumprindo a grande promessa da primeira modernidade, de que o progresso técnico científico traria a emancipação e a autonomia do sujeito moderno.

Diante dos limites do conhecimento, Morin propõe a necessidade do pensamento complexo. Ao propor o pensamento complexo. Ele afirma que:

> O que é complexidade? A um primeiro olhar, complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas isso é para vilmente associadas: ela coloca o paradoxo do Uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de conhecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Mas então a complexidade se apresenta com os traços inquietantes do arranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é selecionar os elementos da ordem e dá certeza, precisar, classificar, distinguir, hierarquizar. Mas tais operações, necessárias à inteligibilidade, correm o risco de provocar a cegueira, se elas eliminarem os outros aspectos do complexus; e efetivamente, como eu o indiquei, elas nos deixaram cegos (Morin, 2015, p. 13-14).

O paradigma da complexidade, que se opõe ao paradigma da simplificação) encaminha um pensamento complexo que, segundo Morin (2000, p. 387), "[...] parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias". É necessário articular as ideias de unidade e de multiplicidade, não podendo reduzir o todo às partes, nem as partes ao todo. Tal compreensão da realidade, exige uma compreensão de conhecimento que seja, também, complexa. Para isso, ele propõe um conhecimento que ultrapasse as entidades fechadas, os objetos isolados, as ideias claras e distintas, mas também não se deixar enclausurar na confusão, no vaporoso, na ambiguidade, na contradição (Morin, 2000, p. 387).

Para ele, é necessário um outro paradigma de conhecimento, a partir de uma outra lógica, que:

> Traz em si o princípio de um conhecimento nem atomístico, nem holístico (totalidade simplificante). Ela significa que não se pode pensar senão a partir de uma práxis cognitiva (anel ativo) que faz interagirem, produtivamente, noções que são estéreis quando disjuntadas ou somente antagonistas. Significa que toda explicitação, ao invés de ser reducionista/simplificadora, deve passar por um jogo retroativo/recursivo que se torna gerador de saber (Morin, 2002, p. 381).

Para Morin: "o ser humano é, a um só tempo, físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico" (Morin, 2011, p. 16). Por isso, o limite em querer analisá-lo a partir de uma única dimensão. Ele faz uma crítica ao afirmar que, "como unidade complexa, a humanidade é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível apreender o que significa ser humano" (Morin, 2011, p. 16).

Coerente com a sua compreensão de complexidade, Morin busca compreender o ser humano superando os limites do antropocentrismo excludente, no qual o ser humano era definido em oposição ao animal, e a cultura, em oposição à natureza (Morin,1979, p. 22). Também no que se refere a compreensão biológica, ele crítica uma visão fechada do organismo, que tende a compreender o ser humano de forma isolada (Morin,1979, p. 23).

2 Os Sete Saberes para a Educação do Futuro

A Unesco convidou Edgar Morin para expor suas ideias sobre a educação do futuro, surgindo a sua reflexão sobre os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro (Morin, 2000). Nesta obra, Morin propõe sete saberes necessários para o futuro da humanidade, a partir do contexto atual. São eles:

"As cegueiras do conhecimento, o erro e a ilusão", (Morin, 2000, p. 19 - 33); "Os princípios do conhecimento pertinente" (Morin, 2000, p. 35-46);

"Ensinar a condição humana" (Morin, 2000, p. 47-61); "Ensinar a identidade terrena" (Morin, 2000, p. 63-78); "Enfrentar as incertezas" Morin, 2000, p. 79-92); "Ensinar a compreensão" (Morin, 2000, p. 93-104) e, por fim, o sétimo saber: "A ética do gênero humano" (Morin, 2000, p. 105-115). Como afirma Morin,

> [...] a concepção complexa do gênero humano comporta a tríade indivíduo/sociedade/espécie. Os indivíduos são mais do que produtos do processo reprodutor da espécie humana, mas o mesmo processo é produzido por indivíduos a cada geração. As interações entre indivíduos produzem a sociedade e esta retroage sobre os indivíduos. A cultura, no sentido genérico, emerge destas interações, reúne-as e confere-lhes valor. Indivíduo/sociedade/espécie sustentam-se, pois, em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se (Morin, 2000, p. 105).

Neste sentido, indivíduo, sociedade e espécie são não apenas inseparáveis, mas coprodutores um do outro. Cada um é meio e fim do outro, não podendo ser absolutizado nenhum deles. É no seio dessa tríade complexa que emerge a consciência. A partir deste contexto, Morin propõe uma antro-poética, uma ética propriamente humana que ele considera como a ética da cadeia nos três termos indivíduo/sociedade/espécie, de onde surge nossa consciência e nosso espírito humano. Essa é, segundo ele, a base para ensinar a ética para o futuro.

A antropoética supõe a decisão consciente de: assumir a condição humana *indivíduo/sociedade/espécie* na complexidade do nosso ser; alcançar a humanidade em nós mesmos, em nossa consciência pessoal; assumir o destino humano, em suas antinomias e plenitude.

Para ele, a antropoética nos impulsiona a assumir a missão antropológica do milênio: trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer à vida, guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do

gênero humano.

Segundo Morin, a antropoética é a esperança na plenitude da humanidade, como consciência cidadã e planetária, compreendendo, como toda ética, aspiração e vontade, mas, ao mesmo tempo, apostando no incerto, ela é consciência individual, além da individualidade.

3 A TEORIA DA COMPLEXIDADE E A RELIGIÃO

Para Morin, a cultura é constituída por uma complexa teia de normas, símbolos, mitos e imagens que influenciam o indivíduo e a sua subjetividade. Para ele, "Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses)" (Morin, 1977, p. 15). Quando Morin reflete sobre a religião, ele parte sempre da sua dimensão antropológica na estrutura de sentido do indivíduo e da sociedade. Coerente com sua compreensão de complexidade, na qual tudo deve estar interligado, sem exclusão e rupturas, também a religião, enquanto e construção do imaginário, e não pode estar fora da multidimensionalidade constitutiva do humano. Tendo presente a dimensão ética presente nos Sete Saberes da Educação para o futuro (2000), devemos considerar a dimensão religiosa como parte do saber global. Assim, tendo presente que toda religião possuí uma ética, todas podem contribuir, a partir do seu imaginário mítico simbólico, para o crescimento integral do ser humano.

A partir da perspectiva antropológica, as religiões são constituídas por sistemas míticos, gerando cosmovisões que, por sua vez, buscam organizar o sentido da existência individual e social.

Para ele, o sentido da vida pode não ser religioso, no sentido confessional, mas será algo sempre que o ser humano precisa. Para Morin (1979, p. 148), o mito, o rito e magia asseguram um compromisso no interior do espírito humano, com as suas próprias fantasias. A religião assume o sentido de religar os seres humanos entre si. Para ele, não está em questão a

sua relação como uma possível revelação ou dogmas, o que está em questão é o amor (Morin, 2002).

Ele não está preocupado com o caráter transcendental, da religião, o importante é a dimensão concreta da realidade. O papel que ela tem de operar no espírito a religação entre os seres humanos, religando também os problemas uns aos outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concepção antropológica que está contida no conceito de antropoética, o ser humano não é visto de forma isolada e excludente, frente aos outros, à natureza e ao próprio planeta, mas um ser humano que se compreende, em uma complexa relação consigo mesmo, com os outros da sua espécie e com o planeta. Ao pensar na antropoética ou numa ética do humano, esta ética é construída sempre nessa trilogia, levando em conta estas dimensões, em um constante processo de elaboração, tensão e reelaboração, sem uma preocupação conclusiva, o que seria uma contradição, em relação à própria ideia de complexidade.

Neste trabalho, busquei refletir sobre o papel que a religião pode e deve ter na construção desta antropoética. Ao refletirmos sobre as religiões, as religiosidades e as filosofias de vida, temos a oportunidade de compreender e de visitar construções de sentido, tendo consciência que nenhum sentido é o sentido por excelência, já que a imprevisibilidade é uma característica que nos constitui, enquanto seres humanos e coletivamente.

A antropoética se constrói sem a pretensão de ser conclusiva, nem holística. Ela tem consciência da pluralidade das tensões e das contradições, mas é nesse contexto que se engaja pela construção de uma ética preocupada com o humano, mas o humano que supera uma concepção egóica, solitária, em relação aos outros e em relação ao mundo. É um humano que se compreende na teia das relações. Uma ética do humano, superando uma concepção antropocêntrica, que nos humaniza individual e coletivamente e, no processo de humanização, nos leva a perceber, cada

vez mais, a nossa relação com os outros e com planeta.

Tenho consciência que o tema só está iniciando. Este trabalho quer ser uma contribuição ao debate, tendo presente a complexidade que o constitui e da sua importância. Que o tema continue a ser aprofundado nos estudos da religião, no campo das Ciências da Religião, que é um espaço privilegiado para continuidade deste debate.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. *A inteligência da complexidade*. 3ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: MORIN, Edgar (Org.). *A religação dos saberes*: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. *O enigma do homem*: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, Edgar. *O método I*. A natureza da natureza. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5ª Ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2015.